


TERAPIA COMUNITÁRIA INTEGRATIVA: REPERCUSSÕES EM TRABALHADORES DE UM MUNICÍPIO PARAIBANO

 <https://doi.org/10.56238/arev6n2-224>

Data de submissão: 01/10/2024

Data de publicação: 31/10/2024

Edmara Mendes de Araújo

Enfermeira especialista em Saúde Mental pela UFPB
Universidade Federal da Paraíba-UFPB
E-mail: Edmendes15.em@gmail.com
Orcid: 0000-0001-9307-1075
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2104103063535478>

Adriana Maria da Silva

Mestre em enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba-UFPB
Universidade Federal da Paraíba-UFPB
E-mail: adryanna.tiago@hotmail.com
Orcid: 0000-0002-6869-7823
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8566646966935849>

Thamyres Maria Silva Barbosa

Enfermeira pós graduanda em saúde pública com ênfase em vigilância em saúde
Faculdade holística-FaHol
E-mail: Thamyresmaria726@gmail.com
Orcid: 0009-0007-0657-5023
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9149332823885955>

Luângela Carla Lopes Soares

Escola de Saúde Pública da Paraíba - ESP/PB
Enfermeira especialista em Saúde da Família com ênfase na Atenção Materno Infantil
E-mail: luangelacarla@gmail.com
Orcid: 0000-0002-4972-6916
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3599523735471360>

Thais Monara Bezerra Ramos

Mestre em Gerontologia pela Universidade Federal da Paraíba-UFPB
Universidade Federal da Paraíba-UFPB
E-mail: thaismonara_rr@hotmail.com
Orcid: 0000-0001-5945-9498
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9665745444795894>

José Uilson Ferreira Galindo Júnior

Mestrando em Gerontologia pela Universidade Federal da Paraíba-UFPB
Universidade Federal da Paraíba-UFPB
E-mail: juniorfg_17@hotmail.com
Orcid: 0000-0003-0810-0324
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7706299530166386>

Marianne Rodrigues Costa

Mestre em Gerontologia pela Universidade Federal da Paraíba-UFPB
Universidade Federal da Paraíba-UFPB
E-mail: marianne.costa.enf@gmail.com
Orcid: 0009-0005-8315-8560
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3109155665484779>

Francilene Figueirêdo da Silva Pascoal

Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba
Docente da Universidade Federal de Campina Grande-Campus Cuité
E-mail: francilenefigueiredo@professor.ufcg.edu.br
Orcid: 0000-0002-6220-0759
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5199220432380152>

RESUMO

Objetivo: Conhecer as repercussões da terapia comunitária integrativa (TCI) em profissionais de um município paraibano. **Metodologia:** Trata-se de um estudo exploratório-descritivo de abordagem qualitativa, a técnica utilizada foi a análise de conteúdo de Bardin. Participaram da pesquisa, trabalhadores do Centro de Referência Especializado de Assistência Social, Centro de Referência de Assistência Social, Núcleo de Apoio à Saúde da Família e do Centro de Educação Popular do município de Nova Palmeira, Paraíba. **Resultados:** Após análise dos discursos emergiram as seguintes categorias empíricas: Benefícios da TCI: Ressignificando o jeito de ser no qual se observou que houve repercussões positivas tanto na vida pessoal como profissional dos trabalhadores; e Rodas de TCI e suas principais limitações segundo os participantes. **Conclusão:** A atividade possibilita novas formas de se relacionar de modo coletivo para com o outro. Sendo perceptível que a utilização dessa ferramenta proporciona o desenvolvimento da empatia, resiliência, autoestima, dentre outros. Dessa forma, torna-se necessário uma maior divulgação das rodas de TCI para os trabalhadores e para a comunidade no geral, permitindo assim que ele se torne um meio de inclusão social.

Palavras-chave: Terapia comunitária integrativa, Terapias complementares, Saúde mental.

1 INTRODUÇÃO

A Terapia Comunitária Integrativa (TCI) é um espaço que possibilita trocas de experiências no qual o indivíduo se sente acolhido e, diante disto, sente-se à vontade para expor seus sentimentos (Silva et al., 2020). Nesse contexto as rodas são conduzidas por um a três terapeutas com formação específica para isso, que permitem a construção de redes solidárias, valorização das falas e cultura dos participantes, sendo um processo terapêutico favorável no contexto dos serviços de saúde (Scholze, 2020).

Trata-se de uma modalidade terapêutica criada em 1987, no nordeste brasileiro e, devido à sua trajetória e relevância, foi inserida no Sistema Único de Saúde na Política Nacional das Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), no ano de 2008 (Lemes et al., 2020). Como processo terapêutico, a TCI ocorre em vários municípios de todos os estados brasileiros, como também em outros países como França, Suíça e México, ainda em expansão com propostas para capacitação de profissionais visando fortalecer o vínculo entre a comunidade e os profissionais de saúde (Silva Franco et al., 2020).

Os profissionais se deparam com situações conflitantes que geram estresse e isso reflete negativamente no desempenho laboral em que atuam. Dessa forma, a TCI pode ser benéfica para os trabalhadores, podendo colaborar nos desafios enfrentados no ambiente de trabalho, melhora da autoestima e relacionamentos pessoais (Reis, 2021).

Sendo assim, sabendo-se da existência de rodas de TCI no Município de Nova Palmeira, Paraíba, utilizou-se a seguinte questão norteadora: Quais as consequências e desafios elencados pelos profissionais do município de Nova Palmeira frente à experiência em Terapia Comunitária Integrativa?

Este estudo contribuirá para aumento do conhecimento científico sobre a temática, fortalecimento da necessidade de realização de rodas de TCI nos municípios da Paraíba e estímulo aos profissionais de saúde, educação, pessoas da comunidade, líderes religiosos e demais interessados em fazerem o curso preparatório para tornarem-se terapeutas comunitários.

2 OBJETIVO

Conhecer as repercussões da Terapia Comunitária Integrativa em trabalhadores de um município paraibano.

3 MÉTODO

Trata-se de um estudo exploratório, descritivo, de abordagem qualitativa. O propósito deste tipo de abordagem é narrar, classificar e registrar de forma descritiva a experiência subjetiva e pessoal dos fenômenos (Polit; Beck, 2019).

Os sujeitos da pesquisa foram constituídos por 14 trabalhadores de diversas áreas do segmento do Centro de referência de Assistência Social (CRAS), Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) e Centro de Educação Popular (CENEP) da cidade de Nova Palmeira/PB. Os critérios de inclusão se deram a partir de trabalhadores desses locais, que participaram do projeto de extensão “A Terapia Comunitária como Prática Libertadora” e de pelo menos duas rodas de conversa.

O material empírico foi obtido a partir de entrevistas gravadas com auxílio de um roteiro semiestruturado. Estas foram realizadas com agendamento prévio de acordo com a disponibilidade dos participantes. Em seguida o material foi recolhido e analisado através da técnica de análise de conteúdo de Bardin (Camara, 2013). Inicialmente foi feita uma leitura detalhada de cada texto e em seguida emergiram-se duas categorias temáticas: Benefícios da Terapia Comunitária Integrativa: Ressignificando o jeito de ser e Rodas de TCI e suas principais limitações segundo os participantes.

Essa pesquisa foi iniciada após apreciação e aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) do Hospital Universitário Alcides Carneiro da Universidade Federal de Campina Grande (HUAC-UFCG), cuja aprovação se deu sob o número do CAAE: 90712518.3.0000.5182. Para garantir o anonimato dos participantes dessa pesquisa foram utilizados iniciais P1 a P14, pois esse estudo se fundamentou na resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde sobre pesquisas envolvendo seres humanos (Brasil, 2012).

4 RESULTADOS

Revela-se, dentre os 14 participantes do estudo, que 91,1% declararam ser do sexo feminino, na faixa etária de 30 a 59 (71,6 %), solteiro (57,1%), em sua maioria professores (35,7 %).

Tabela 1: Distribuição de participantes por características sociodemográficas.

| Variáveis | N | % |
|---------------------|----|------|
| SEXO | | |
| Feminino | 13 | 91,1 |
| Masculino | 1 | 8,9 |
| FAIXA ETÁRIA | | |
| (18 a 29) | 2 | 14,2 |
| (30 a 59) | 10 | 71,6 |
| (60 anos ou mais) | 2 | 14,2 |
| ESTADO CIVIL | | |

| | | |
|-----------------------------|---|------|
| Solteiro (a) | 8 | 57,1 |
| Casado (a) | 4 | 28,6 |
| União estável | 2 | 14,3 |
| TRABALHADORES | | |
| Professor (a) | 5 | 35,7 |
| Assistente Social | 3 | 21,4 |
| Enfermeiro (a) | 1 | 7,1 |
| Psicólogo (a) | 1 | 7,1 |
| Servidor (a) público | 1 | 7,1 |
| Gestor (a) do bolsa família | 1 | 7,1 |
| Auxiliar de biblioteca | 1 | 7,1 |

Fonte: Dados das Pesquisadoras, 2018.

4.1 CATEGORIA 1: BENEFÍCIOS DA TERAPIA COMUNITÁRIA INTEGRATIVA: RESSIGNIFICANDO O JEITO DE SER

Foi possível identificar pelos discursos dos participantes alguns benefícios, dentre eles o autoconhecimento.

- [...] Eu me interiorizei mais, melhorou meu relacionamento com as pessoas e eu passei a confiar mais na minha pessoa, em mim [...]. (P10)
- [...] Conhecer melhor o meu eu [...]. (P11)
- [...] Aprendi a me conhecer melhor [...]. (P14)
- [...] Foi a partir da terapia comunitária que eu busquei me conhecer melhor, que eu comecei a me equilibrar [...]. (P5)

Verifica-se que, a participação nas rodas de TCI contribui para o desenvolvimento da empatia.

- [...] Você compreende mais o outro, você aprende a ouvir [...]. (P2)
- [...] Quando você na roda participa que ver problemas as vezes mais sério, ou tão sério quanto o seu aí você ver que no mundo não só é você que está passando por problemas, e que os problemas trabalhados tem solução [...]. (P3)
- [...] Você passa a ter mais disponibilidade pra ouvir o outro, a ter mais respeito pela história do outro [...]. (P4)

Outro benefício, identificado nas falas dos participantes foi o resgate da autoestima.

- [...] Melhorou meu relacionamento com as pessoas e eu passei a confiar mais na minha pessoa [...]. (P10)
- [...] Elevou minha autoestima e fortaleceu o aspecto da autonomia [...]. (P8)

As rodas de TCI, também possibilitam potencialização de recursos individuais e coletivos, do tipo, trabalho em equipe, no grupo ou na comunidade.

- [...] Entender como é que funciona a dinâmica do trabalho em equipe [...]. (P1)
- [...] Uma visão coletiva [...]. (P7)
- [...] Aprender a trabalhar na comunidade, como também em grupo [...]. (P9)
- [...] Então, esse fator de falar, de dividir com outras pessoas algum problema, é um benefício [...]. (P6)

A resiliência também foi um dos benefícios identificados depois da participação nas rodas de TCI.

[...] Estava separada com dois filhos menores sob minha guarda. E me sentia sobrecarregada por ter que trabalhar, tomar conta deles e sustentar a casa sozinha, sem a presença masculina. E por vezes me sentia culpada por passar muito tempo fora (trabalhando) e ter que deixá-los sob a responsabilidade de terceiros (auxiliares domésticos) e não poder dá mais atenção pra eles, de modo a suprir a falta da presença do pai em casa. Mas a medida que a roda acontecia, as experiências de outras pessoas eram compartilhadas e os exemplos de superação expostos, ia ganhando ânimo e reconhecimento do meu poder interior. De poder lidar com adversidades como essas. E foi se tornando claro pra mim a capacidade que tenho de assumir responsabilidades e dá conta com todo o empenho necessário. Tornei-me mais forte e amorosa comigo mesma!! [...]. (P8)

4.2 CATEGORIA 2: RODAS DE TCI E SUAS PRINCIPAIS LIMITAÇÕES SEGUNDO OS PARTICIPANTES

Nessa pesquisa, foi possível identificar algumas dificuldades relatadas pelos participantes, tais quais: Medo de expor os problemas, dificuldades para falar em público e obedecer às regras.

[...] Dificuldades em falar em público [...]. (P13)

[...] Eu acho difícil de falar de mim de minha pessoa, obedecer a aquelas regras [...]. (P5)

[...] Fiquei com medo de expor meu problema, sentir um pouco de timidez [...]. (P8)

5 DISCUSSÃO

De acordo com a Tabela 1 foi possível verificar que na presente pesquisa predominou a participação das mulheres nas rodas de TCI. A ocorrência do sexo feminino em grupos ou terapias desta magnitude, acontece devido estas pessoas terem mais facilidade de expor suas dificuldades, bem como de buscar serviços ou ações que ofertem de alguma forma o cuidado a sua saúde. Este resultado corrobora aos dados encontrados no estudo de presença mais frequente de mulheres na TCI (Oliveira,2023).

Com relação à predominância de professores nas rodas de TCI, sugerem que a procura destes profissionais a Terapia Comunitária proporciona espaços que possibilitam a esse público o sentimento de pertença no qual há um acolhimento por meio de uma escuta atenta as inquietações provocadas pela sobrecarga de atividades e as responsabilidades existentes na prática da docência e que neste espaço, eles têm a oportunidade de falar de si e partilhar suas experiências de maneira horizontal e circular (Carvalho et al., 2021).

Nessa pesquisa a faixa etária prevalente foi de 30 a 59 anos, esse resultado difere com os estudos de no qual destacam que a predominância de participantes nas rodas de TCI encontradas em seus estudos são de idosos (a partir dos 60 anos de idade). Verificou-se nos estudos de Lemes (2020),

que a maioria dos participantes da pesquisa, declararam ser solteiros (a), prevalência encontrada também no estudo em tela.

A TCI é uma Prática Integrativa e Complementar reconhecida por proporcionar benefícios para seus participantes, mostrando-se relevante tanto de maneira individual como coletiva (Brasil,2018).

Segundo Barcelos (2022), o autoconhecimento possibilita ao indivíduo poder redescobrir-se, de uma forma mais leve, compreender as atitudes e comportamento de si mesmo, assim como, analisar e compreender melhor o outro. Essa possível transformação, só se dá a partir de um comprometimento do indivíduo para consigo mesmo. Nessa perspectiva, à medida que, o indivíduo passa a se aceitar e se amar melhor, conseqüentemente, torna-se um ser regador de potencialidades e competências para resolver situações do dia a dia e do cuidado ao outro.

O cuidado para com o outro também pode ser favorecido pelo desenvolvimento da Empatia, esta é definida como uma maneira de se colocar no lugar do próximo, utilizando emoções e sentimentos, buscando compreender o que o outro sente e vivencia (Santos; Romano; Engstrom,2018).

Nos estudos de Wenzel E Richter (2019), eles salientam que o exercício do ouvir abre um leque de oportunidades, podendo remeter a um novo jeito de pensar e agir. A prática do ouvir faz com que haja uma sensibilidade maior para com o outro. Nesse sentido, a escuta torna-se um elemento fundamental na TCI, pois, a partir do momento que o indivíduo silencia seu interior e fica atento ao que o outro tem para falar, desenvolve-se o poder da empatia com um olhar centrado no indivíduo, estabelecendo assim, uma confiança no grupo e aumento dos vínculos.

Desse modo, o processo de escuta também se torna um elemento constituinte da terapia, pois, por meio desta, os indivíduos passam a reconhecer os diferentes momentos da vida do outro, compreendendo suas atitudes (Santos, 2022).

Para Oliveira et al (2021) a autoestima permite que o indivíduo esteja disposto a enfrentar desafios que lhes parecem, por vezes, impossível de serem alcançados. Ao se fazer o resgate da autoestima, o indivíduo torna-se mais seguro de si, capaz de admitir seus erros e (re) construir novas atitudes e comportamentos, servindo como um guia para a busca dos seus desejos e supostamente, da felicidade. Portanto, as rodas de TCI favoreceram aos participantes o resgate da autoestima (Souza;Carneiro;Melo,2020).

A TCI é uma ferramenta com grupos que ocorre com os participantes dispostos em círculos, favorecendo uma comunicação sem hierarquia, deste modo, a partir do momento em que os integrantes compartilham seus problemas em coletividade e as formas encontradas para enfrentá-los, esses momentos tornam-se terapêuticos, proporcionado uma maior integração do grupo, gerando assim, sentimentos de carinho e empatia (Barreto,2019).

Nos estudos de Wolff (2022), a TCI consiste em uma proposta terapêutica, que busca intervir nas formas de organização de grupos comuns em comunidades mais colaborativas e participativas, por meio do qual, não haja espaços para julgamentos, mas sim, que os sujeitos encontrem apoio e ajuda e passem a ser vistos como pessoas capazes de reconstruir suas histórias, sem perder sua identidade, que se preocupem consigo mesmas, fazendo parte de uma comunidade, na qual é peça fundamental para o enfrentamento de situações cotidianas.

Nesse sentido, as formas de conduzir grupos são organizadas de maneira horizontal, no qual se preze os saberes e as habilidades coletivas, dessa forma, a participação no grupo, permite que o sujeito sinta-se inserido na sociedade, uma vez que, contribui para uma rede de apoio que viabiliza a autonomia, independência, autodeterminação, além de melhorar questões emocionais. Nesse processo, de trocas de experiências, o sujeito passa a se permitir, encarar e superar adversidades do dia a dia, favorecendo assim a resiliência (Jean,2019).

A resiliência é um pilar essencial na TCI, sendo definida como o ato de transformar as adversidades da vida em oportunidades de crescimento, no qual, durante os momentos de dificuldades o indivíduo consegue resgatar de si a força necessária para encarar seus sofrimentos e, assim aprender com cada um deles (Deus,2018).

O autor ainda salienta que indivíduos resilientes têm mais êxito na vida, pois conseguem aprender que em cada obstáculo há sempre uma nova chance para reerguer-se e equilibrar-se com mais força e responsabilidade, e assim, interagir melhor com as pessoas ao seu redor.

Nas rodas de TCI, utiliza-se a teoria da comunicação, na qual, toda ação ou ato são fontes transmissoras de informações, por meio do qual quando um indivíduo passa a se comunicar com o outro dar-se a oportunidade para que ele se defina, e ganhe consciência do seu próprio eu (Barreto,2019).

Sendo assim, a literatura menciona que, metodologias de participação em grupos que usam da comunicação como forma de expressão de sentimentos e valores, podem gerar nos participantes uma certa timidez, uma vez que, a exposição revela ao outro uma atenção indesejada e, por medo a exposição, o sujeito utiliza como forma de defesa, o silêncio e o isolamento. Nessa perspectiva os estudos de Machado (2022) enfatiza, que a timidez e o medo estão interligados, pois em ambos, há a insegurança na maneira de falar e de se expressar.

O medo de falar em público pode afetar diretamente na autoestima e, pode provocar sentimento de tristeza e frustração por não conseguir transmitir oralmente o desejado. Este medo pode ser causado pela falta de experiência e planejamento, que influencia negativamente, na narrativa do discurso (Miranda et al., 2020).

Segundo Conceição, (2019), nos grupos terapêuticos, os indivíduos, inicialmente, sentem receio de expor seus problemas e dificuldades para outras pessoas, por estar ainda, em um ambiente e pessoas até então, desconhecidas. No entanto, como forma de romper com o receio da comunicação, é necessário que se estabeleça um estímulo a linguagem clara e que se assegure nos encontros a confidencialidade e respeito pela opinião do outro, estimulando assim, a partilha de experiências.

A Terapia Comunitária Integrativa surge como uma ferramenta de cuidado que estimula a fala dos participantes em todas as etapas (Acolhimento, escolha do tema, contextualização, problematização e encerramento) que envolve a prática (Moura; Olegário; Braga,2019).

Na etapa de acolhimento o co-terapeuta acolhe a todos explicando de forma clara o processo de condução das rodas, nesse momento podem ser realizadas dinâmicas para uma maior interação do grupo, na ocasião explica-se que se alguém se lembrar de versos, poemas, músicas que tenham relação com a temática podem ser mencionados, justamente para que os sujeitos sintam-se valorizados no contexto cultural (Barreto,2019).

Na apresentação dos temas, o terapeuta comunitário pergunta aos participantes: “Quem gostaria de falar?”, a partir de então, algumas pessoas se dispõem a falar e, este ato, estimula inclusive a aqueles que até então, poderiam estar receosos em comunicar-se no grupo (Jean,2019).

Em uma etapa seguinte, de contextualização, o participante que teve seu tema escolhido, expõe com maiores detalhes sobre o seu problema. Ao falar o participante manifesta não apenas o problema, mas também, expõe seus sentimentos e suas incertezas, tornando-se, portanto, fonte condutora para reflexão do grupo, que posteriormente na fase de problematização será dado a oportunidade ao grupo de compartilhar as experiências de vida e superação semelhante ao problema inicialmente elencado. Esse movimento de fala e escuta na TCI, estabelece o reconhecimento, confiança e valorização do discurso, entre os membros do grupo (Misici,2022).

No encerramento o terapeuta agradece a todos pela participação e na ocasião o grupo faz uma avaliação geral da roda, e ao final existe uma partilha de lanches, encerrando esse momento terapêutico (Silva,2021). No entanto, nas rodas da Terapia Comunitária Integrativa, “as pessoas não se comunicam somente para transmitir informações, mas principalmente, para ganhar consciência do seu próprio eu”.

É importante destacar, que para a Terapia Comunitária acontecer, são estabelecidas algumas regras tais como: Fazer silêncio enquanto o outro fala, ter respeito pela história de vida do outro, não dar conselhos nem fazer julgamentos, falar na primeira pessoa, dentre outros. Um dos participantes da pesquisa revelou que tinha dificuldade de seguir estas regras. Os profissionais da rede SUS de Santa Catarina apontaram que os usuários dos serviços de saúde tinham dificuldades para seguir as regras propostas pela TCI (Andrade,2022).

Na perspectiva Souza; Carneiro; Melo (2020), algumas vezes, quando as regras não são expostas de forma clara e, quando não são apresentadas as justificativas plausíveis para a existência de tais regras, o ouvinte tende a ter dificuldade para segui-las.

A dificuldade em seguir regras também foi verificada em um estudo realizado com estudantes de escolas públicas e privada, sobre o uso do celular durante as aulas, foi constatado que mesmo os alunos tendo conhecimento das normas e regras estabelecidas nesse ambiente, o seguimento ou não delas vai depender de combinações estabelecidas entre alunos e professores (Gomes, et al., 2018).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Terapia Comunitária Integrativa tem se tornado um importante instrumento terapêutico para os trabalhadores, uma vez que possibilitou novas formas de trabalhar e se relacionar de modo coletivo com outro. Através da realização desse estudo, foi perceptível que a TCI proporcionou benefícios aos seus integrantes, desenvolvendo a empatia, autoestima, resiliência, bem como respeito pela história de vida do outro, dentre outros.

Nessa pesquisa foi possível verificar que a TCI se tornou um dispositivo de grande valia para o sujeito, uma vez que, permitiu que os participantes refletissem um pouco mais sobre si mesmo e, conseqüentemente, reconhecesse seus valores e competências.

No que se refere aos trabalhadores entrevistados, percebe-se que houve uma quebra de paradigmas, pois, muitas vezes, por ser uma terapia de grupo, acredita-se que só profissionais da saúde poderiam participar, e, foi revelado, nesta pesquisa, a predominância de professores do segmento da educação.

As fragilidades encontradas nesse estudo, apontam para dificuldade dos sujeitos em expressar seus sentimentos, principalmente, em grupos. A fala, não apenas nas rodas de TCI, mas também na coleta de dados para essa pesquisa, foi o fator limitante de maior destaque.

Dessa forma, tendo em vista, os benefícios que a TCI pode proporcionar aos trabalhadores e a comunidade no geral, sugere-se uma maior divulgação desta terapia e, que a gestão possibilite a oferta de cursos de capacitação em TCI, para assim, facilitar a implementação nos municípios paraibanos.

REFÊRENCIAS

- BARCELLOS, Ana. Aprendiz de si mesmo: reconheça, conecte e desenvolva suas habilidades socioemocionais| Soft Skills. Viseu, 2022.
- Barreto A de P. Terapia Comunitária: passo a passo. 5.ed. Fortaleza: Grafica LCR; 2019. 408 p.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Resolução no 466, de 12 de dezembro de 2012. Brasília, 2012. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 04 out. 2023.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Portaria n. 702. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde. Diário Oficial da União, Brasília, 2018.
- CAMARA, R. H.. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia. Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 179-191, jul. 2013. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202013000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 12 nov. 2023.
- CARVALHO, P. A. L. et al. Terapia comunitária integrativa e saúde mental de professores universitários na pandemia de COVID-19. Cadernos de Naturologia e Terapias Complementares, v. 10, n. 19, p. 129-129, 2021.
- DE ANDRADE REIS, Maria Lúcia; MARTINI, Maria da Graça Pedrazzi. A TERAPIA COMUNITÁRIA INTEGRATIVA (TCI) E O INÉDITO VIÁVEL DO PENSAMENTO FREIRIANO. Revista Café com Paulo Freire, v. 2, n. 02, 2022.
- DE DEUS, Josimeire Cantanhêde et al. Terapia Comunitária Integrativa: uma tecnologia de cuidado para a promoção da saúde mental em uma comunidade acadêmica. In: 13º Congresso Internacional Rede Unida. 2018.
- DE SOUZA RAMOS, Semírames Cartonilho; CARNEIRO, Ana Lúcia Basilio; DE MELO, Mariana Nunes Azevedo. CONEXÃO TERAPIA COMUNITÁRIA INTEGRATIVA (TCI) E SAÚDE MENTAL.2020.Disponível em: <https://doi.org/10.26673/tes.v16iesp.1.14303>.
- GOMES, Maria Gisélia da Silva et al. Celular e estudante: uso do dispositivo móvel dentro da escola. 2018.
- JEAN, Pascal. A Terapia Comunitária Integrativa (TCI) como tecnologia social leve para a promoção da saúde e bem estar social. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso.
- LEMES, A. G.; ROCHA, E. M. DA; NASCIMENTO, V. F. DO; VOLPATO, R. J. ET AL.. Benefícios da terapia comunitária integrativa revelados por usuários de substâncias psicoativas. Acta Paulista de Enfermagem, v. 33, p. e–APE20190122, 2020.
- MIRANDA, H. et al. Medo de falar em público: estudo piloto da glossofobia em contexto de alunos universitários. 2020.
- MISICI, Emidio Giuseppe Pinheiro et al. Análise crítica do discurso da Terapia Comunitária Integrativa: linguagem, poder e efeitos terapêuticos de sentido. 2022.

MOURA, Cindy Nogueira; OLEGÁRIO, Everton Alves; BRAGA, Lucineide Alves Vieira. A TERAPIA COMUNITÁRIA INTEGRATIVA COMO INSTRUMENTO DE PROMOÇÃO A SAÚDE DE IDOSOS NA COMUNIDADE.2019.

OLIVEIRA, Carlos Augusto et al. Projeto terapêutico singular (PTS): instrumento de cuidado ao sujeito em sofrimento psíquico. Revista Eletrônica Acervo Saúde, v. 13, n. 2, p. e5709-e5709, 2021.

OLIVEIRA, Taiane Schmidt de. Efetividade das terapias alternativas complementares no tratamento do transtorno depressivo maior: uma revisão integrativa da literatura. 2023.

POLIT, D.F.; BECK, C.T. Fundamentos da pesquisa em enfermagem. Avaliação de evidências para a prática de enfermagem. 9a ed. Porto Alegre: Artmed; 2019.

REIS, MMA. Terapia Comunitária Integrativa - uma estratégia de cuidado à saúde do trabalhador em universidade pública. Cadernos de naturologia e Terapias Complementares, v. 10 n. 19 (2021): III Congresso Brasileiro de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde.

SANTOS, José Robério Xavier. Práticas integrativas complementares em saúde na relação com a psicologia. 2022.

SANTOS, Renata Oliveira Maciel dos; ROMANO, Valéria Ferreira; ENGSTROM, Elyne Montenegro. Vínculo longitudinal na Saúde da Família: construção fundamentada no modelo de atenção, práticas interpessoais e organização dos serviços. Physis: Revista de Saúde Coletiva, v. 28, 2018.

SCHOLZE, A. da S.. Terapia comunitária integrativa na abordagem de transtornos mentais comuns na atenção primária à saúde: uma revisão sistemática. Revista Atenção Primária à Saúde, abr./jun. 2020; 23 (2): 436 – 453. Disponível em:<https://periodicos.ufjf.br/index.php/aps/article/view/16768>

SILVA FRANCO, A.L.; SILVA, M.Z.; LOPES RUIZ, J.E.; MURCIA, M. O valor da terapia comunitária integrativa (TCI) no Brasil e no mundo: possibilidades, impactos e perspectivas. Temas em Educação e Saúde, v. 16, n. esp. 1, p. 232-238, set., 2020.

SILVA, Daniela Leite Garcia et al. Avaliação de capacitação para terapia comunitária integrativa em unidades da Atenção Primária à Saúde do município de Carmópolis de Minas. 2021.

SILVA, M.Z.; BARRETO, A.P.; RUIZ, J.E.L.; CAMBOIM, S.P.; et al. O cenário da terapia comunitária integrativa no Brasil: história, panorama e perspectivas. Temas em Educação e Saúde, v. 16, n. esp. 1, p. 341-359, set., 2020.

WENZEL, Rafaela Aline; RICHTER, Sandra Regina Simonis. Entre a presença do ouvir, sentidos a escutar. Revista Brasileira de Estudos da Presença, v. 9, 2019.

WOLFF, Eliete Ávila et al. Terapia comunitária na FUP-UNB: saúde universitária na pandemia de Covid-19 e na volta às aulas presenciais. Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal, v. 9, n. 4, p. 158-164, 2022.